

# Risco amazônico

O mapa da Europa modificou-se várias vezes neste século. Países surgiram e desapareceram. Fronteiras andaram de um lado para outro. Estados se dividiram e se reuniram. Impérios surgiram e terminaram. Aquilo que parecia sólido e eterno desmanchou-se no ar. O Velho Continente é exemplo vivo da força da política e de suas surpreendentes conseqüências.

Nas Américas, os limites territoriais foram fixados nas lutas pela independência realizadas no século passado. Ao norte, os desbravadores do oeste conquistaram a Califórnia aos espanhóis e invadiram o norte do México. No sul, as antigas colônias espanholas se libertaram do colonizador, construíram novas repúblicas e contornaram o Império do Brasil. Os limites das fronteiras foi respeitado ao longo da história, com a exceção da guerra do Paraguai.

É oportuno lembrar a convivência pacífica entre países fronteiriços após o encontro do presidente Fernando Henrique Cardoso com Andrés Pastrana, da Colômbia. Alguns centros de estudos políticos norte-americanos entendem ser viável que ocorra nas Américas fenômeno semelhante ao verificado na Europa. E o principal exemplo é a Colômbia. Quase a metade do país já não responde ao comando de Bogotá. Lentamente, as áreas liberadas por traficantes e guerrilheiros estão conseguindo autonomia. O país está se dividindo.

Trata-se de exemplo fortíssimo. Eloqüente. O crime organizado, o tráfico de drogas, a desorganização do Estado e a ineficiência dos governos adubaram o campo onde brotou o vírus da desestrutu-

ção do país. O presidente Fernando Henrique, que se dispõe a auxiliar a Colômbia naquilo que lhe for solicitado, tem muito a observar na fotografia que reproduz a situação do vizinho.

A fronteira entre Brasil e Colômbia tem mais de 1.600 quilômetros. É aberta. Uns poucos soldados, com equipamento ultrapassado, fazem a vigilância na região. Recentemente começaram a funcionar quatro radares do projeto Sivam (Sistema de Vigilância da Amazônia), mas a Força Aérea Brasileira não tem autorização para derrubar aviões intrusos. É tudo muito fácil naquele trecho. O tráfico de drogas encontra avenida pavimentada à sua frente. Já faz estragos no Acre e em Rondônia. Contaminou a política. Foi esse o caminho da Colômbia. Quando os dirigentes abriram os olhos, o mal estava feito.

Um país corre o risco de escorregar pelo ralo da história. E se dividir de forma dramática. O Panamá é filho de uma costela colombiana. Existe essa tradição por lá. É bom lembrar que a Amazônia é uma só. Caso surja novo país, independente e autônomo na região, seus limites serão definidos pela arbitragem das armas e dos tribunais internacionais. Os brasileiros não são especialistas em nenhum dos dois quesitos.

Os dois presidentes concordaram, no encontro de Letícia, em defender a democracia, o estado de direito e admitiram que o caminho da paz deve se realizar sem ingerências externas. São bonitas palavras. E melhores intenções. Mas, pela primeira vez no século, há uma efetiva ameaça na fronteira norte. Não se trata da hipotética cobiça internacional. É o risco amazônico.